

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel**

**Período de Análise: 01/02/2014 a 28/02/2014**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL .....</b>	<b>3</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>3</b>
<b>Onde habitam as dificuldades do setor sucroalcooleiro? Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 14/02/2014 .....</b>	<b>3</b>
<b>Vendas de etanol pelas usinas crescem 12% na 1ª quinzena de fevereiro. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 26/02/2014.....</b>	<b>5</b>
<b>POLÍTICA NACIONAL.....</b>	<b>6</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>6</b>
<b>Unica convida pré-candidatos à presidencia para apresentar propostas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/02/2014 .....</b>	<b>6</b>
<b>Desembolsos do PAISS Agrícola devem começar em 2014. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/02/2014 .....</b>	<b>6</b>
<b>Etanol é mais competitivo do que se diz, indica estudo. Fabiana Batita – Valor Econômico, Agronegócios. 20/02/2014 .....</b>	<b>7</b>
<b>NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>8</b>
<b>Shree Renuka vende parte da empresa na Índia para a Wilmar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/02/2014 .....</b>	<b>8</b>
<b>Copersucar compra açúcar na Austrália para exportar à Ásia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/02/2014 .....</b>	<b>9</b>

## AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

### ETANOL

#### **Onde habitam as dificuldades do setor sucroalcooleiro? Rui Daher – Site da Carta Capital, Economia. 14/02/2014**

*O setor quer definições sobre o papel do etanol na matriz energética dos próximos anos. E de forma clara. Por Rui Daher*

Com a vitalidade de quem chegaria a bom futuro, o pequeno citricultor paulista existiu por pouco tempo. Logo passou a servir como elo frágil de uma cadeia produtiva que se fez maior.

A indústria e alguns analistas tentam fazer-nos crer que entraves sistêmicos pós-crise econômica afetaram o consumo mundial de suco de laranja, o que fez reduzir em mais de 15% o número de laranjais no Estado, especialmente de pequenos produtores.

É verdade, porém, com reparos. O ferro nos pequenos e médios citricultores paulistas é fato histórico a ser contado em décadas e com autores do massacre bem identificados.

Mas se esses já se foram, tratemos dos que ainda podem evitar a pecha de personagens de uma morte anunciada. O setor sucroalcooleiro ou sucroenergético.

Dois períodos de enorme excitação se sucederam no setor. O primeiro, na década de 1970, com o lançamento do Proálcool. O segundo, no início deste século, quando República e Sociedade exaltaram o retorno dos biocombustíveis para limpar a matriz energética brasileira, quiçá do planeta.

Nos idos de chumbo, o petróleo logo realinhou seus preços e a paisagem brasileira abrigou inúmeras usinas de álcool desativadas. Foram pelo menos duas décadas até o início da recuperação.

Já em tempos de duvidosa potência, aos ataques vindos de países hegemônicos questionando os benefícios do etanol de cana-de-açúcar, respondíamos altaneiros e soberanos: "não interfere na produção de alimentos como o milho; não plantaremos na Amazônia; cortem a sobretaxa e verão só." Veículos flex passaram a dominar a produção nacional.

Toda essa eloquência, hoje, virou pergunta sussurrada. Voltaremos aos anos 80?

Olhando para os canaviais, parece que não. Entre as safras 2005/06 e 2013/14, área plantada e produção cresceram 50%, para 8,8 milhões de hectares e 660 milhões de toneladas, respectivamente. Uma taxa apreciável.

Se o mesmo não aconteceu com a produtividade, 20% abaixo do patamar médio de 80 t/ha, nada a temer. O nível tecnológico da cultura permite recuperação rápida. Segundo a CONAB, nesta safra já deve chegar a 75 t/ha.

Bom lembrar que, no período, apesar das aludidas dificuldades, o setor pôde quebrar entraves históricos ambientais, trabalhistas e atingir alto grau de mecanização. Grandes complexos cresceram e diversificaram.

Se as dificuldades do setor vêm depois de planta, soca e colheita, onde então elas habitam?

Poderia ser nas usinas de açúcar, quando batem às portas da Índia e dela não recebem nem afeto nem doce predileto. Ou nas plantas de etanol, que ocupam tímido quarto de serviço na Mansão Petrobras.

Acontece que a produção de açúcar, a partir de 2010, cresceu 25%, para perto de 40 milhões de toneladas, dois terços do total sendo exportados no embalo de preços recordes no comércio exterior, entre 2010 e 2012.

Mesmo com a oferta indiana recomposta, as cotações ainda permanecem 30% acima das em vigor até 2008. Uma flexibilidade que nem todo setor tem.

Teria sido então no etanol que a porca torceu o rabo?

No período analisado, de oito safras, a produção cresceu 6,2% anuais, para 27,5 bilhões de litros. Tudo para o mercado interno, pois a exportação é mínima.

Um problema; um motivo. Queda de produção em 2011 e 2012; redução no consumo com o subsídio da Petrobras aos preços da gasolina.

Os calos pisados não são meus. O fato pode, realmente, justificar o tamanho da repercussão.

Parece-me, no entanto, único, algo que um arreglo público-privado resolveria. Claro que um dos lados precisaria dar arrego, no caso o mais irracional, que danifica uma valorosa empresa estatal e um setor eficiente a fim de controlar uma inflação mal identificada.

O pior será deixar tudo como está. Afinal, o preço do etanol nas usinas cresceu 13% desde a última safra e os 25% de mistura na gasolina vão ajudar a demanda.

Não basta. Além de afastar o artificialismo do governo nos preços da Petrobras, o setor quer definições sobre o papel do etanol na matriz energética dos próximos anos. De forma clara.

Onde está o investimento para cogeração de energia elétrica por meio do bagaço de cana? Estamos discutindo as repercussões futuras do gás e óleo de xisto? Até onde as definições do Congresso dos EUA e o pacote ambiental e energético da Comissão Europeia para 2030 afetarão a demanda de biocombustíveis? Como coibir os subsídios na Índia para o açúcar?

Muito mais do que os tropeços breves e recentes do setor, preocupam pautas importantes do futuro encobertas por uma queda de braço burra.

Estamos entrando num jogo sem o goleiro. Mas brasileiros acreditam ser tudo possível.

---

**Vendas de etanol pelas usinas crescem 12% na 1ª quinzena de fevereiro. Fabiana Batista e Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 26/02/2014**

SÃO PAULO - A demanda por etanol no país está se mostrando aquecida em fevereiro. Um sinal desse cenário são as vendas de etanol feitas pelas usinas de cana-de-açúcar nos primeiros quinze dias do mês. Segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), a comercialização de etanol (total) no período cresceu 12%, a 976,974 milhões de litros. Desde o início da safra, as vendas acumulam alta de 14,8%.

Do total comercializado na quinzena, 591,748 milhões de litros foram de etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos. Na comparação com a primeira quinzena de fevereiro 2013, as vendas de hidratado feitas pelas usinas no mesmo intervalo deste ano foram 13,4% maiores, segundo a Unica. No acumulado da safra, a alta é de 18%.

A comercialização de etanol anidro, que é misturado à gasolina, também cresceu na quinzena. Foram 385,226 milhões de litros, 10% acima dos 348,057 milhões de litros da primeira quinzena de fevereiro de 2013.

A produção de etanol nesta safra até a primeira quinzena de fevereiro chega a 25,52 milhões de litros, sendo 11 milhões de litros de anidro e 14,48 milhões de litros de hidratado. O crescimento no volume de produção de etanol é de 19,55%, sendo 24,92% maior para a produção de anidro e 15,75% para o hidratado.

Já a produção de açúcar no acumulado da safra soma 34,28 milhões de toneladas, com crescimento de 0,57% na comparação com a safra 2012/13.

O volume de cana-de-açúcar processado pelas unidades produtoras da região Centro-Sul do Brasil totalizou 596,16 milhões de toneladas nesta safra até a primeira quinzena de fevereiro, segundo a Unica. O número é 11,97% superior ao registrado no mesmo período do ciclo anterior.

---

## **POLÍTICA NACIONAL**

### **ETANOL**

#### **Unica convida pré-candidatos à presidência para apresentar propostas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/02/2014**

SÃO PAULO - A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) enviou oficialmente aos principais pré-candidatos à Presidência da República um convite para que eles apresentem publicamente seus planos para o setor sucroenergético durante evento do segmento que ocorrerá no dia 2 de junho em São Paulo.

Foram oficialmente convidados a presidente Dilma Rousseff, o senador Aécio Neves e o governador de Pernambuco Eduardo Campos. O convite repete a experiência feita em 2010, quando na época foram convidados os pré-candidatos José Serra, Dilma Rousseff, e Marina Silva.

"Neste momento em que o setor enfrenta importantes desafios e precisa de clareza nas políticas públicas para retomar o crescimento, é fundamental que se saiba o que cada candidato pretende", afirmou a presidente Unica, Elizabeth Farina.

---

#### **Desembolsos do PAISS Agrícola devem começar em 2014. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/02/2014**

SÃO PAULO - O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) esperam que os primeiros desembolsos a projetos do PAISS Agrícola sejam feitos ainda em 2014. O programa, que destinará R\$ 1,48 bilhão para projetos de inovação agrícola em cana-de-açúcar, foi lançado hoje, em São Paulo.

O presidente do banco de fomento, Luciano Coutinho, disse esperar que haja uma demanda forte pelo programa, assim como ocorreu com a primeira versão do PAISS, lançado em 2012 e voltado a projetos de inovação industrial do setor de cana-de-açúcar. "O BNDES continuará apoiando o setor em suas demandas, sobretudo nesses projetos de inovação, que envolvem mais risco. É preciso olhar para frente e iniciar um processo de aceleração de mudanças e transformações que permitam recuperar a produtividade e a pujança do setor de etanol", afirmou Coutinho no lançamento do programa.

O setor, lembra ele, teve um desempenho muito forte de expansão até 2010, com R\$ 80 bilhões de investimentos na construção de mais de 100 novas usinas de etanol. "E depois veio a crise financeira internacional, e a produção decresceu, por várias razões, financeiras e climáticas, mas que resultou numa queda forte de produtividade", disse Coutinho.

Segundo ele, ainda há espaço para ampliar essa produtividade na primeira geração do etanol, mas avalia que o grande salto virá do etanol de segunda geração. Neste ano, duas usinas de etanol celulósico devem começar a operar no país, ambas com recursos do PAISS.

Outro salto tecnológico esperado para o setor sucroalcooleiro é o lançamento de uma cana transgênica. “Esse é um eixo essencial do PAISS Agrícola”, disse Coutinho.

Do total de R\$ 1,480 bilhão que serão injetados no programa entre 2014 e 2018, 50% virão da Finep — R\$ 700 milhões serão de financiamento reembolsável e R\$ 40 milhões subvencionados. A outra metade, que virá do BNDES, também terá R\$ 700 milhões de empréstimos reembolsáveis e de injeção de capital em troca de participação acionária (equity). O banco de fomento, por meio da Funtec, destinará ainda ao programa R\$ 40 milhões não reembolsáveis.

A taxa de juros do financiamento do PAISS Agrícola é de 4% ao ano, três anos de carência e dez anos para amortização. “Estamos falando de juros negativos por dez anos. No caso de projetos de maior risco, as taxas podem chegar a 3,5%”, destacou o presidente da Finep, Glauco Arbix.

---

#### **Etanol é mais competitivo do que se diz, indica estudo. Fabiana Batita – Valor Econômico, Agronegócios. 20/02/2014**

Após anos armazenando dados de consumo de etanol e gasolina dos veículos dos seus clientes, a gaúcha Ecofrotas, especializada em gestão de frotas corporativas, percebeu que tinha uma base de dados valiosa nas mãos: o consumo de combustíveis por quilômetro rodado de 410 mil veículos flex fuel. A empresa resolveu contratar uma consultoria para avaliar esses dados e chegou à conclusão de que o etanol apresentava um rendimento médio equivalente a 79,52% do desempenho da gasolina.

O resultado quebra o paradigma aceito pelo mercado de que esse ponto de equilíbrio é de 70%, explica a gerente de sustentabilidade da Ecofrotas, Amanda Massimo Kardosh. É nele que se sustenta a premissa usada pelo mercado de que o preço do etanol não pode ser superior a 70% do valor cobrado pela gasolina nos postos.

Feita pela KPMG, a pesquisa usou uma base de informações "real", diz a executiva. "São carros que circulam nas ruas e estradas brasileiras, são abastecidos em mais de 12 mil postos e dirigidos por milhares de motoristas. É uma base da vida real", diz Amanda. Do total de 640 mil veículos geridos pela empresa gaúcha, foram selecionados apenas os flex fuel (410 mil). Os dados se referem a 31 meses de desempenho dessa frota (agosto de 2009 a março de 2012).

Os veículos que apresentaram o melhor rendimento com etanol foram os da categoria "operacional médio", na qual estão incluídos os modelos como o Agile e o Fox. Com o

biocombustível, essa categoria rodou, em média, 7,94 km com 1 litro, e com gasolina, 9,64 km, o que significou uma relação de 82%.

Em seguida, empataram os "executivos", como Astra, Siena, Polo Sedan, Voyage e Vectra, e as "pick ups", como Saveiro e Fiat Strada. Nesses carros, o etanol teve desempenho equivalente a 79% do da gasolina.

A "pior" relação, de 77%, foi encontrada entre os veículos da categoria "leve", tais como os modelos Celta, Classic, Clio, Corsa, Uno e Fiesta (motores 1.0 e 1.6). Toda a frota participante é composta por veículos fabricados entre 2004 e 2011.

Amanda explica que seus clientes recebem mensalmente relatórios indicando o desempenho das respectivas frotas, usando etanol e gasolina. Esse dado é comparado com o custo por litro de cada um dos combustíveis no Estado onde cada veículo abasteceu. "É comum haver resistência dentro das empresas, que não acreditam que o etanol foi mais vantajoso", afirma a executiva.

Mas há companhias que optaram - por economia e/ou porque têm metas de redução de poluentes - por restringir o abastecimento de sua frota ao etanol. Essas empresas, diz ela, estão conseguindo inclusive validar créditos ambientais. "Estamos concluindo a validação de 3 mil toneladas de redução de emissão de CO2 a cinco clientes que usaram apenas etanol entre junho de 2012 a julho de 2013".

---

## **NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

### **ETANOL**

#### **Shree Renuka vende parte da empresa na Índia para a Wilmar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/02/2014**

SÃO PAULO - A companhia indiana Shree Renuka Sugars, a maior produtora de açúcar da Índia e com quatro usinas de cana no Brasil, anunciou que vai vender parte da empresa para a trading de Cingapura Wilmar Internacional. O acordo, segundo a companhia, pode facilitar a injeção de aproximadamente US\$ 200 milhões na empresa, que vinha sendo penalizada com um elevado endividamento, parte dele, decorrente da aquisição de usinas no Brasil.

A capitalização pode ser feita em duas etapas, segundo informou a Shree Renuka Sugars em comunicado na bolsa de Mumbai, onde negocia suas ações. Num primeiro momento, o acordo envolveria um aporte de até 5,170 bilhões de rúpias indianas (US\$ 83,2 milhões) pela subsidiária Wilmar Sugar Holdings (WSH), o permitiria à empresa de Cingapura ficar com até 27,5% de participação na indiana, com a compra de 257 milhões de ações, ao preço de 20,08 rúpias (US\$ 0,32) por papel. Pelas diretrizes do acordo, haverá também uma oferta aberta para Wilmar e os fundadores da indiana,



grupo liderado pelo empresário indiano Narendra Murkumbi, por até 26% da Shree Renuka pelo preço de 21,89 rúpias (US\$ 0,35) por ação.

Num segundo momento do acordo, a Wilmar e os fundadores da Shree Renuka participariam conjuntamente do direito de subscrição para levantar até 7,254 bilhões de rúpias (US\$ 116,76 milhões) para a Shree Renuka Sugars.

O acordo prevê que a companhia indiana poderá ser controlada pelos fundadores e a Wilmar, com ambas as partes mantendo igual participação e representação no conselho da Shree Renuka. “Os fundadores vão continuar na administração da companhia com a Wilmar, sendo ativamente envolvido nas decisões estratégicas”, informou a Shree Renuka em comunicado.

Segundo a empresa, os recursos levantados na operação podem ser usados para pagar débitos existentes da Shree Renuka, na Índia. “Como investidor estratégico, os acionistas da Wilmar e a injeção de capital vão fortalecer as finanças da companhia e a posição do negócio e também prover uma plataforma de crescimento”.

A Shree Renuka Sugars opera 11 usinas com capacidade total de processamento de 20,7 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por ano e ainda duas refinarias de açúcar em portos, com capacidade para 1,7 milhão de toneladas por ano. No Brasil, detém o controle de quatro usinas, sendo duas no Paraná e duas no Estado de São Paulo, adquiridas em 2009.

A Wilmar é a companhia com o maior valor de mercado da bolsa de Cingapura (US\$ 17 bilhões) e teve em 2013 receita líquida de US\$ 44,1 bilhões, e lucro de US\$ 1,3 bilhão. Seu negócio inclui cultivo de palma, processamento de oleaginosas, produção e refino de açúcar, biodiesel e processamento de grãos.

Os investimentos da Wilmar em açúcar incluem ativos na Austrália, na Nova Zelândia e na Indonésia, com 17 milhões de toneladas de capacidade de processamento de cana e 1,98 milhão de toneladas de capacidade de refino. A Wilmar tem uma participação de 27,5% da refinaria Cosumar, em Marrocos, que tem capacidade para 1 milhão de toneladas anuais.

Na Austrália, a Wilmar é a maior processadora de cana, com uma capacidade anual de 17 milhões de toneladas. A multinacional produz 2 milhões de toneladas de açúcar bruto por ano. A Wilmar tem cinco refinarias — Austrália, Nova Zelândia, Indonésia — e na Indonésia, é um dos maiores players no segmento, com duas refinarias.

---

### **Copersucar compra açúcar na Austrália para exportar à Ásia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/02/2014**

Pouco mais de um ano após criar sua subsidiária na China, a brasileira Copersucar, maior trading de açúcar e etanol do mundo, fechou seu primeiro contrato de origem da commodity fora do Brasil. A partir deste ano, a empresa vai negociar com

exclusividade o açúcar da Mackay Sugar, segundo maior grupo açucareiro da Austrália, com faturamento da ordem de US\$ 300 milhões por ano.

O contrato inicialmente tem duração de dois anos e prevê a originação de um volume de 150 mil toneladas da commodity. É ainda pouco perto das 8,9 milhões de toneladas que a Copersucar deverá comercializar na safra 2013/14, que termina em 31 de março, mas a duração do contrato e os volumes negociados tendem a aumentar, conforme o presidente da Copersucar, Paulo Roberto de Souza.

O executivo diz que não é possível revelar no momento o potencial de originação a partir dessa parceria, devido a cláusulas de sigilo previstas no contrato. O acordo, porém, tende a extrapolar os volumes de açúcar produzidos pela própria Mackay. Isso porque prevê a atuação da Copersucar em conjunto com a comercializadora criada este ano pela Mackay, a Queensland Commodity Services (QCS) - que, além de açúcar próprio, deverá incorporar ao seu portfólio também produto de outras usinas australianas.

Até 2013, todo o açúcar bruto da Mackay era exportado exclusivamente pela Queensland Sugar Ltd (QSL), uma trading formada por usinas associadas do país. No fim do ano passado, a QSL fez um acordo concedendo às indústrias parceiras o direito de vender parte de sua produção de forma independente, o que motivou a Mackay a criar a própria comercializadora. Além das 150 mil toneladas negociadas com a Copersucar, a Mackay conta com mais 300 mil toneladas que vão continuar sendo comercializadas pela QSL.

Souza explica que, a despeito de ser um importante produtor de açúcar global, a Austrália há anos tem uma oferta estável entre 4 milhões e 5 milhões de toneladas, equivalente a menos de 15% da produção brasileira.

Assim, o grande trunfo de ter um parceiro na Austrália não está na expectativa de movimentar grandes volumes da commodity, mas na possibilidade de oferecer aos clientes (refinarias) da Ásia uma outra fonte de suprimento, diz o presidente da Copersucar. O açúcar australiano, feito a partir da cana, como o do Brasil, tem uma boa reputação em termos de qualidade, lembra Souza. E associar a marca da Copersucar ao produto é altamente estratégico no mercado asiático, conforme o executivo.

A originação no país da Oceania visa, portanto, atender aos clientes asiáticos, que é onde se dará o crescimento do consumo nas próximas décadas, explica Souza. Quando abriu a subsidiária Copersucar Asia, em dezembro de 2012, a trading brasileira exportava cerca de 350 mil toneladas para um grupo de países no continente, em especial China, Indonésia, Coreia do Sul e Malásia. A meta, naquele momento, era elevar para 1 milhão de toneladas esse volume em três anos. Mas já neste ciclo - ou seja, um ano depois -, a Copersucar conseguiu atingir essa marca, conta Souza. No ano passado, a China foi novamente o maior importador de açúcar brasileiro, com 3,5 milhões de toneladas de um total de 27 milhões toneladas embarcadas entre os meses de janeiro e dezembro.

A Mackay é um grupo tradicional processador de cana da Austrália, com mais de 130 anos de operação. Além de ser o segundo maior grupo canavieiro do país, com quatro usinas, é um dos poucos que sobreviveram ao assédio das multinacionais nos últimos anos, em um movimento parecido com o observado no Brasil.

Entre 2010 e 2012, a presença de capital estrangeiro na indústria de açúcar australiana saiu de 12% para expressivos 75%, consolidação liderada pela Wilmar International, de Cingapura, que hoje detém 60% da produção local da commodity. Na última semana, a Wilmar, que é a maior companhia do agronegócio de Cingapura, posicionou-se também no mercado brasileiro de cana-de-açúcar, ao comprar uma participação de 27,5% da indiana Shree Renuka Sugars - que conta com quatro usinas de cana no Brasil. Pelo acordo, a Wilmar também compartilhará o controle da Renuka com o fundador, o empresário Narendra Murkumbi.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**  
Diva de Faria



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214  
Fax: 21 2224 8577 – r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa